

A EXCEÇÃO E A REGRA



de Bertold Brecht

Trad. Mario da Silva

Prólogo

Nós vos trazemos
a história de uma viagem.
A expedição de um mercador
e dois empregados.
Reparai bem como eles agem:
sua conduta vos há de parecer
familiar; observai o que nela
existe de insólito.
Sob o quotidiano, desvendai o
injustificável.
Por trás do consagrado, atentai
no absurdo.
Descónfiai do menor gesto, por
simples que pareça.
Não aceitai como tal a regra
estabelecida;
procurai nela a necessidade.
Rogamo-vos não dizer "é natural",
diante dos acontecimentos diários.
Numa época onde reina a confusão e
córre o sangue,
onde a ordem é desordem,
o arbitrário lei,
e a humanidade se desumaniza,
não se diga jamais "é natural",
a fim de que nada passe por
imutável.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

1. Corrida no Deserto:

MERCADOR - Vamos! Mais depressa, preguiçosos! É preciso chegar um dia antes dos outros. Tenho que estar depois de amanhã na estação de Han. Sou o mercador Karl Langman e vou a Urga comprar uma concessão. Meus concorrentes nos seguem de perto. O primeiro a chegar fica com o negócio. Até aqui, fiz o trajeto em tempo recorde, e às custas de habilidade e energia, e tratando o meu pessoal com a maior dureza. O pior é que meus concorrentes alcançaram quase o mesmo ritmo. (Olha para trás com seu binóculo) Fronto! Aí estão eles de novo nos nossos calcanhares! (ao guia) Aperta um pouco

aí o carregador. Foi pra isso que eu te contratei. Os dois não estão aqui pra passear às minhas custas. Sabes quanto custa uma viagem como esta? Evidentemente, não é o teu dinheiro. Mas, olha, se me sabotares eu te denuncio à agência de empregos de Curga.



GUIA - (ao carregador) Veja se anda um pouco mais depressa.
MERCADOR - Tua voz não está boa. Nunca serás um chefe. Eu devia ter contratado um guia mais caro; no fim das contas, é vantagem pagar mais. Vamos, bate um pouco nesse moleque. Não é que eu seja, em geral, pela pancada, mas agora é preciso bater. Se não chegar primeiro estou arruinado. Ah! Confessa! Foi teu irmão que contratasse como carregador! É teu parente, por isso é que não queres bater... Eu te conheço. Vais ver, podes reclamar o teu salário na Justiça! Deus do céu! Estão nos alcançando outra vez!

COOLIN - (ao guia) Bate, mas não com muita força. Pra chegar até a estação Han, é reciso que eu continue podendo caminhar.

VOZ - Ei! É o caminho de Curga? Ei, amigos, parem!
MERCADOR - O diabo que os carregue! Pra frente! Há tres dias que os apresso, que os empurro. Dois dias com injúrias, o terceiro com promessas. Em Curga, vamos ver se as cumpro. E os concorrentes sempre nos meus calcanhares... Mas andarei toda a segunda noite; assim conseguirei escapar, eles me perderão de vista e chegarei à estação Han no terceiro dia, com um dia de vantagens sobre o primeiro dos meus perseguidores. (CANTA).

andando de dia, andando de noite,
aumento a vantagem.
As custas de pau, aumento a
vantagem.
Os fracos se atrasam, mas os
fortes avançam.

2. No fim da estrada povoada

MERCADOR - Louvado seja Deus! Cheguei à estação de Han um dia antes dos outros. Meu pessoal está esgotado. Bater recordes, lutar isso não é negócio pra eles... Uma canalha miserável que rasteja, eis o que são. Têm medo de abrir a boca; a polícia ainda está aqui, graças a Deus, para manter a ordem.

FOLICIAL - Tudo em ordem, senhor? Está satisfeito com a estrada? Satisfeito com o pessoal?

MERCADOR - Tudo em ordem. Até aqui, o caminho que os outros fazem em quatro dias, eu fiz em três. As estradas são infames, mas tenho por hábito terminar bem o que começo.
Que tal é a estrada depois da estação de Han? Que vamos ter pela frente?

POLICIAL - Agora cavalheiro, o senhor vai entrar no deserto Jahi, onde não há viv'alma.
 MERCADOR - E não se pode levar uma escolta policial?
 POLICIAL - Não, cavalheiro. Nós somos os últimos policiais que o senhor encontra.



3. Despedida do Guia na Estação de Han

GUIA - Depois do nosso encontro com os policia na estação de Han, nosso mercador se transformou: fala-nos com uma voz diferente, é amável. Nós é que não estamos em condições de fazer o mesmo... Não foi previsto dia algum de repouso na estação de Han, a última antes do deserto Jahi. Pergunto-me muitas vezes como vou levar o carregador, cansado como está, até a estação de Ourga. Pensando bem, a atitude cordial do Mercador me deixa bastante preocupado; quem sabe o que nos espera? Ele não para de passear, refletindo. Idéias novas, novas traições a temer? De qualquer forma, o carregador e eu precisamos suportar tudo porque, se não, ele não nos paga ou nos expulsa em pleno deserto.

MERCADOR - Quer um pouco de fumo? O papel pra cigarro, você quer? O que não fariam vocês pelo prazer de enegrecer a goela com essa fumaça... Graças a Deus, nós trouxemos bastante; nosso fumo dá e sobra para a viagem até Ourga.

GUIA - (à parte) Nosso fumo...

MERCADOR - Sentemo-nos, meu amigo. Porque você não se senta? Numa viagem como essa, todos os homens são irmãos. Mas se você prefere ficar de pé, o problema é seu. Vocês têm seus hábitos, eu sei. Normalmente, eu não me sento ao seu lado, como você não se senta ao lado do carregador. É nessas diferenças que se baseia a ordem do mundo. Mas nada nos impede de fumar juntos, não é? (ri) É isso que me agrada em você... Enfim, cada um com a sua dignidade. Bem, agora vai fazer um embrulho de nossas coisas, e não se esqueça da água; parece que não há muitos poços no deserto. E, por falar nisso, eu queria prevenir você de uma coisa, meu amigo: reparou no olhar que o carregador lhe deu quando você o castigou? Um olhar... pois é, não me pareceu nada bom. E nos próximos dias, você terá de bater-lhe novamente, mais de uma vez e com mais força: vai ser preciso andar mais depressa. Essa carregador já está bem podre. A terra pra onde nós vamos é deserta, não tem ninguém. Talvez ele aproveite para tirar a máscara. Você é de uma casta superior: ganha melhor e não carrega nada. Basta isso para ele lhe detestar. Pode crer: é bom ficar afastado dele; é mais prudente.



- (O guia sai)
- MERCADOR - ... gente engraçada...
(o mercador continua sentado, em silêncio. O guia fiscaliza, ao lado o carregador na preparação das bagagens. Depois se senta e começa a fumar. O Coolie, após terminar seu trabalho, também se senta e o guia lhe dá um pouco de fumo e papel de cigarro começando a conversar com ele)
- COOLIE - O Mercador diz sempre que se presta um grande serviço à humanidade quando se tira petróleo da terra. Diz que, se tirarmos petróleo da terra, aqui vai haver estradas de ferro e a gente vai nadar em dinheiro. O Mercador diz que aqui vai haver estradas de ferro. E eu, não digo: então, como é que vou viver?
- GUIA - Não te preocupes. A estrada de ferro não é para já. Guvi dizer que, quando se descobre petróleo, a primeira coisa que se faz é escondê-lo. Por isso é que o Mercador está tão apressado: não é o petróleo, que ele quer, é o dinheiro pra se calar.
- COOLIE - Não estou entendendo.
- GUIA - Ninguém entende.
- COOLIE - No deserto, o caminho será pior do que antes. Espere-mos que os meus pés aguentem até o fim.
- GUIA - Sem dúvida.
- COOLIE - Há ladrões por aqui?
- GUIA - É preciso desconfiar no primeiro dia, enquanto estivermos perto da estação; está assim de bandidos.
- COOLIE - E depois?
- GUIA - Depois de atravessar o rio Myr, o importante é seguir sempre os poços.
- COOLIE - Conheces o caminho?
- GUIA - Conheço.
(O Mercador ouviu vozes e se aproxima da porta para escutar melhor)
- COOLIE - É difícil atravessar o rio Myr?
- GUIA - Nesta época do ano, geralmente, não. Mas na época das chuvas a correnteza é muito forte; corre-se o perigo de morte.
- MERCADOR - Aí está: de conversa com o carregador. Com ele, concorda em se sentar e fumar.
- COOLIE - Que se deve fazer então?
- GUIA - Muitas vezes é preciso esperar oito dias para atravessar o rio sem perigo.
- MERCADOR - Vejam isso: aí está um que recomenda ao carregador não ter pressa e tomar cuidado com sua preciosa pessoa. É um tipo perigoso. Vai se aliar ao colie. Um rapaz que não tem a menor autoridade. Não será capaz mesmo de coisa pior? Enfim, a partir de hoje, são dois contra um... O certo é que ele vai controlar o colie, agora que entramos no deserto. Preciso, de qualquer maneira, me livrar desse indivíduo.
(Aproxima-se dos dois empregados e se dirige ao Guia)



Encarreguei-te de fiscalizar o bom acondicionamento das bagagens. Veremos agora se executas as minhas ordens... (Puxa violentamente uma correia até que ela se arrebenta). Isso é lá pacote? Se uma correia dessas arrebenta, perdemos um dia. Mas é exatamente isso que queres: descansar.

- GUIA -- Não quero descansar; e a correia não se partiria se não fosse puxada.
- MERCADOR -- O que? E ainda por cima és respondão. A correia se arrebentou ou não? Diz agora na minha frente que ela não está arrebentada: Não é possível confiar em ti... Queria te tratar bem, mas com gente da tua espécie isso não dá certo. De mais a mais, qual é o serviço que me prestas? Não tens a menor autoridade sobre os outros empregados e farias melhor te empregando como carregador do que como guia. Além disso, tenho razões para acreditar que me intrigas com o pessoal.
- GUIA -- Que razões?
- MERCADOR -- Ah, queres conhecê-las... Vai esperando; mas estás despedido.
- GUIA -- O senhor não pode me mandar embora no meio do caminho.
- MERCADOR -- Inda deves te dar por feliz se não te denunciou na agência de empregos de Ourga. Toma, olha o teu salário pelo que fizeste até aqui. (chama o hoteleiro, que se aproxima) O senhor é testemunha de que lhe estou pagando o que devo. (ao guia) Previno-te de que farias bem não aparecendo mais em Ourga. Jamais chegará a ser alguma coisa. (passa para outro cômodo com o hoteleiro) Vou partir agora. Se me acontecer qualquer coisa, o senhor é testemunha de que parti hoje com aquele homem. (aponta o coolie, o hoteleiro demonstra, por gestos, que não está entendendo). Não entende nada! Assim, não haverá ninguém para dizer aonde fui. E o pior é que esses canalhas sabem muito bem que não há gente de espécie alguma pelo caminho. (Senta-se e escreve).
- GUIA -- Fiz mal em me sentar ao teu lado. Toma cuidado que esse homem não presta. Pergunto-me como farás para encontrar o caminho. (Dá o cantil) Toma+ guarda esse cantil de reserva, escondido. Se os dois se perderem, ele na certa vai tirar o teu. Vou te explicar o caminho.
- COOLIE -- É melhor não explicar. Se ele nos ouvir falando, vai me despedir, e aí é que eu estou perdido. Nada poderá obrigá-lo a me pagar o salário, porque não sou sindicalizado como tu. É preciso suportar tudo.
- MERCADOR -- (ao hoteleiro). O senhor entregue esta carta às pessoas que passarem por aqui, amanhã, com destino a Ourga. Prosseguirei a viagem com o meu carregador, somente.
- HOTELEIRO-- (pegando a carta). Mas ele não é um guia.



MERCADOR - (à parte) Quer dizer que ele compreende tudo... não estava era querendo compreender. Conhece meu trabalho. Não gosta é de ser testemunha em coisas dessa espécie. (ao hoteleiro) Explique ao meu carregador o caminho de Ourga. Vai haver barulho, na certa. (Saca do revólver) CANTA:

O fraco sucumbe; é o forte
que combate.
Por que a terra me cederia seu
petróleo?
Por que o coolie carregaria
minha bagagem?
Petróleo, eu te arrancarei,
apesar da terra e apesar do
coolie.
E nessa luta a lei será:
o fraco sucumbe; é o forte que
combate.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(O mercador entra no pátio perto da porta de saída)

MERCADOR - Sabes o caminho, agora?

COOLIE - Sei, sim, senhor.

MERCADOR - Então, avante.

GUIA - Será que ele aprendeu, de fato? Aperdeu depressa demais.

4. Conversa num lugar perigoso:

COOLIE (cantando)

Ourga, eu vou pra lá.
Andando, andando, eu vou pra
Ourga.
Pra Ourga e o bandido não me
pegará.
E o deserto não me deterá.
Em Ourga vou comer e
descansar.

MERCADOR - Idiota! A região infestada de bandidos. Toda essa canalha de tocaia nas estações aqui perto. E o imbecil canta? (ao coolie) Aquele guia nunca me agradou. Às vezes servil; não era um homem muito certo.

COOLIE - É, sim, senhor. (CANTA:)

O caminho para Ourga é
muito duro.
A gente sofre muito pra chegar.
mas em Ourga vou comer e
descansar.



MERCADOR - Por que cantas? O que é que te alegra? Ah, é que não tens nada a perder, se os bandidos aparecerem. O que eles podem tomar não pertence a ti, porque tudo que levamos pertence a mim.

COOLIE - (cantando)

Minha mulher está em Ourga,
meu filho também me espera.

MERCADOR - Para de cantar. Não há razão alguma para estares cantando. Tua voz está chegando até Ourga; e isso só serve para atrair a canalha atrás de nós. A manhã, cantarás quanto quiseres.

COOLIE - Sim, senhor.

MERCADOR - E se viessem roubar o carregamento, será que ele pensaria somente em se defender? Nem por um momento consideraria meus bens como seus? E esse é que seria o seu dever. Raça maldita. Não fala. Esses são os piores... Que se passa em sua cabeça? Impossível saber. Lá está ele rindo. Não há razão alguma para rir. Que o faz rir? E por que me deixar andar na frente? É ele que sabe o caminho, não eu. Aonde estará me levando? Que estás fazendo?

COOLIE - Estou apagando os nossos rastros, senhor.

MERCADOR - Pra que?

COOLIE - Por causa dos bandidos.

MERCADOR - Por causa dos bandidos... Mas é preciso que possam saber para onde estás me levando. E, por falar nisso, para onde estás me levando? Anda na frente. Nessa areia fina, é verdade que os rastros ficam bem visíveis. É, pode ser, de fato, uma idéia excelente essa de apagar os rastros...

5. Diante do rio caudaloso:

COOLIE - Estamos no caminho certo, patrão. Eis o rio Myr. Nessa época do ano, em geral, ele não é difícil de atravessar, mas no período de cheia a correnteza fica muito forte e há perigo de morte. E o rio está cheio.

MERCADOR - É preciso atravessá-lo.

COOLIE - Muitas vezes, é preciso esperar oito dias para atravessar sem perigo. Agora, como está, a gente corre perigo de morte.

MERCADOR - É o que veremos. Não se pode perder um dia inteiro esperando.

COOLIE - Então, é preciso arranjar uma passagem ou um barco.

MERCADOR - Demora muito.

COOLIE - Mas eu nado muito mal.

MERCADOR - A profundidade não é maior do que isso.

COOLIE - Muito fundo.

MERCADOR - Quando caíres n'água, nadarás direitinho, vais ver; será preciso. Olha, eu me coloco num plano mais elevado do que o teu. Para que vamos a Ourga? Para prestar um serviço à humanidade, tirando o petróleo da terra. Percebes isso, imbecil? O petróleo será tirado da terra, estradas de ferro serão construídas, na

be o que mais. E quem fará isso? Quem? Nós. O progresso, a civilização, esta é a finalidade da nossa viagem. Não vês que o país inteiro está com os olhos voltados para ti? Para ti, monstro. E tu hesitas em cumprir o teu dever...

COOLIE - Eu não sei nadar muito bem.

MERCADOR - Também estou arriscando a minha pele. Mas para ti, espírito baixo e cúbido, a única coisa que vale é o dinheiro. Por que te apressarias em chegar a Ourga? Teu interesse é prolongar a viagem o mais possível, porque és pago por dia. A viagem não te interessa, só pensas no dinheiro.

COOLIE - Que fazer? (CANTA:)

Eis o rio,
o rio das águas perigosas.
Dois homens no rio;
um se joga na água, o outro
hesita
um será corajoso, o outro
covarde?
atravessado o rio, superado o
perigo,
um deles vai fazer um negócio,
e atravessa triunfante o rio
conquistado
e entra em sua propriedade
e come um fruto novo;
o outro, passado o perigo,
está cansado e não encontra
nada:
outros perigos ameaçam sua
fraqueza.
Serão ambos corajosos?
Serão ambos inteligentes?
Viva! Juntos venceram o rio,
mas sobre o rio conquistado
ficou apenas um vencedor,
que diz "nós", porém, não diz
"tu" e "eu".
Juntos, NÓS vencemos o rio,
mas tu és o vencedor contra
NIM.

Por favor, deixe ao menos que eu descanse algumas horas. Estou cansado de carregar esta bagagem. Depois do descanso, talvez atravesse melhor.

MERCADOR - Conheço um meio muito melhor: vou encostar o revólver nas tuas costas; aposto que atravessarás o rio! Não vejo mais os perigos da travessia. Trata-se de proteger minha fortuna. (CANTA:)



É assim que o homem
conquista a vitória
sobre o deserto e sobre o rio
caudaloso;
que o homem conquista a
vitória sobre si mesmo
para obter o petróleo necessário
à humanidade.

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

6. Acampamento:

MERCADOR - Já que quebraste o braço atravessando o rio, não precisas armar a tenda hoje, como te disse. Se eu não tivesse te ajudado a sair da correnteza, terias morrido afogado. É claro que eu não posso ser responsabilizado pelo teu acidente. Além de tudo, o tronco bem poderia ter me atingido. Mas, enfim, é preciso reconhecer que essa desgraça aconteceu numa viagem organizada por mim. Não tenho dinheiro, agora, comigo; mas em Ourga, no meu banco, te darei qualquer coisa.

COOLIE - Sim, senhor.

MERCADOR - É tudo que tem a responder... Mas em cada olhar seu há uma reprovação. Não existe gente mais dissimulada e rancorosa do que esses coolies. Podes ir dormir. (O coolie se retira e senta-se afastado). É verdade que sua desgraça toca mais a mim do que a ele. Um membro a mais um membro a menos, que lhe importa isso? Esse canalha não vê senão seu prato de sopa. Por que se inquietaria com suas próprias pessoas? São mesquinhos por natureza. O ceramista joga fora seus vasos rachados; esses tipos, sentindo-se fracassados, se rejeitam. Só os vitoriosos lutam.

(CANTA:)

Para o fraco, a morte, o
combate para o forte,
a vida é mesmo assim.
Dê-se a mão ao forte, dê-se o
pé ao fraco,
a vida é mesmo assim.
Deixar tombar quem tomba e
inda ajudar na queda,
porque a vida é assim.
O vencedor do combate tem
seu lugar à mesa;
a vida é mesmo assim.
O cozinheiro não serve aos
mortos e aos derrotados;
a vida é mesmo assim.
Deus, que fez todas as coisas,
fez o patrão eo
empregado;
fez exatamente.
Tudo vai bem, és louvado; tudo
vai mal, és negado.
A vida é mesmo assim.

- 10
Que
D. F.
C. de C. de Diversos
- MERCADOR - Estava me ouvindo... Alto! Fica onde estás querês?
- COOLIE - A barraca está pronta, patrão.
- MERCADOR - Por que ficas no escuro da noite a me esperar? Não gosto disso. Gosto de ouvir os passos de um homem que se aproxima. E quando falo a alguém, gosto de ver-lhe os olhos. Vai dormir. Não te preocupes tanto comigo. (o coolie se retira). Alto! Entra na barraca. Fico eu aqui, ao ar livre. Estou habituado. (o coolie entra na barraca). Que será que ele ouviu da minha canção? Não sei... E que será que está pensando agora? Ainda não deitou...
- COOLIE - (preparando sua cama). Tomara que ele não repare no mato que ficou; não é fácil arrancar o capim com um braço só.
- MERCADOR - É tolice não pensar em todas as preocupações. A confiança é uma besteira. Talvez eu tenha prejudicado este homem por toda a sua vida; seria justo, de sua parte, que ele pretendesse fazer o mesmo comigo. O forte, quando dorme não é mais forte do que o fraco. É preciso não ser escravo do sono. Sem dúvida, estaríamos melhor dentro da barraca; ao ar livre, ficamos expostos a todas as doenças. Mas a pior doença ainda é o próprio homem. Em troca de uma quantia irrisória, este homem veio comigo, que tenho muito dinheiro. E, no entanto, o caminho é igualmente árduo para nós dois. Ao menor sinal de cansaço, ele é espancado. Se o guia se senta a seu lado, despede-se o guia. Se quer apagar os rastros na areia, ainda que seja realmente por causa dos bandidos, desperta suspeita. E no rio, quando me confessou que estava com medo, teve que enfrentar meu revólver. Como poderia eu dormir na mesma barraca que ele? Jamais me convencerei de que ele se conforme com todas essas afrontas. Que golpe não estará preparando, lá dentro? Gostaria bem de saber. Seria completamente maluco se fosse lá para dentro.

7. No final da estrada:

- MERCADOR - Por que estás parado aí?
- COOLIE - Patrão, a estrada termina aqui.
- MERCADOR - E daí?
- COOLIE - Patrão, não sei mais o caminho. Pode me bater, mas não bata no braço machucado.
- MERCADOR - No entanto, o hoteleiro te explicou, na estação de Han.
- COOLIE - Explicou, sim, senhor.
- MERCADOR - Quando te perguntei se tinhas aprendido, tu me disseste que sim.
- COOLIE - Disse, sim, senhor.
- MERCADOR - E não tinhas aprendido?
- COOLIE - Não, senhor.



- MERCADOR - Então, por que disseste que tinhas ?
COOLIE - Tive medo de ser despedido. Só sei que devemos seguir os poços.
MERCADOR - Então, segue os poços!
COOLIE - Mas não sei onde estão eles.
MERCADOR - Vai em frente e não brinques comigo. Sei muito bem que já fizeste este caminho.
COOLIE - Seria melhor esperar os que vêm atrás de nós.
MERCADOR - Não.
(continuam a caminhar).

8. A partilha da água:

- MERCADOR - Ei, onde vais? Vais para o norte? O leste é para lá.
(o coolie continua). Alto! O que é que está acontecendo? Não podes me olhar no olhos, não é?
COOLIE - Pensei que fosse por lá.
MERCADOR - Espera um pouco seu gaiato... Vou te ensinar a me guiar. (bate no coolie). Sabes agora onde fica o leste?
COOLIE - No braço não.
MERCADOR - Onde está o leste?
COOLIE - Lá em baixo.
MERCADOR - E onde estão os poços?
COOLIE - Lá em baixo.
MERCADOR - Lá em baixo... Então estavas indo em outra direção?
(bate)
COOLIE - Estava, sim, senhor.
MERCADOR - Onde estão os poços? Vejamos: há pouco disseste que sabias onde eles estavam. Sabes ou não? (bate). Sabes ou não?
COOLIE - Sei.
MERCADOR - (batendo). Sabes?
COOLIE - Não sei, não.
MERCADOR - Me dá o teu cantil. Eu deveria ficar com toda a água, já que me conduziste por um caminho errado. Seria meu direito, mas não o farei. Vou repartir esta água contigo. Bebe um gole e continua a andar. Esqueci que não devia ter bafido nele, na situação em que estamos.
MERCADOR - Já passamos por aqui. Olha os rostros.
COOLIE - Quando passamos aqui pela primeira vez, talvez não estivéssemos muito afastados do carinho certo.
MERCADOR - Arma a barraca. Teu cantil está vazio. O meu também. É preciso esconder... Se me vir bebendo a água, ele me trucidará, por mais burro que seja. Se ele se aproximar, eu atiro. (Saca do revólver). Se ao menos pudessemos voltar ao último poço por que passamos. Estou com a garganta seca. Por quanto tempo o homem pode suportar a sede?
COOLIE - Preciso entregar o cantil que o guia me deu na estação. Se eles nos encontrarem, eu com o cantil cheio



e ele quase morto de sede, na certa vão se processar.
(O Coolie pega o seu cantil e se dirige ao mercador, que o vê, de repente, de pé, à sua frente, e não sabe se o Coolie o viu beber ou não. O Coolie não viu; estende-lhe o cantil em silêncio.)

MERCADOR - Larga essa pedra! (O Coolie não entende e continua a estender o braço com o cantil; então, o Mercador o mata com um tiro de revólver). Apesar da advertência, ele veio. Toma, animal. Aí está o que mereceste.

CANTO DO TRIBUNAL:

Depois dos bandos de vilões
chega a vez do tribunais.
Quando um inocente é assassinado,
em torno de seu corpo os juizes
se reúnem
e o condenam.
Sobre o túmulo do justo que morreu
inda é preciso natar o seu
direito.
O veredito do tribunal
cai semelhante à sombra do
punhal que mata.
Ah, não bastava o punhal ?
Era preciso mais: o golpe de
misericórdia ? O
julgamento ?
Vejam esses abutres famosos;
aonde irão ?
Nada encontraram para devorar
no deserto,
mas os tribunais os
alimentarão.
É nos tribunais que se
refugiam os assassinos;
lá, os perseguidores estão em
segurança;
lá, os ladrões recebem seu
prêmio embrulhado
num papel que traz escrito
o texto de uma lei.

9. O Tribunal:

GUIA + A senhora é a mulher do coolie assassinado, não é ?
Eu sou o guia que tinha contratado o seu marido. Me disseram que a senhora reclama, no processo, uma punição para o mercador e uma indenização. Fiz questão de vir logo, porque sei que seu marido morreu inocente. A prova disso está no meu bolso.



- HOTELEIRO - Hem? A prova está contigo? Te dou um conselho; deixa que ela continue no teu bolso.
- GUIA - E a mulher do Coolie? Vai voltar de mãos vazias?
- HOTELEIRO - E tu? Queres que te ponham na lista negra?
- GUIA - Obrigado pelos teus conselhos. Vou pensar nisso. (O Tribunal se instala. O acusado, o juiz, o chefe da segunda expedição e o hoteleiro tomam seus lugares).
- JUIZ - Estão abertos os debates. Com a palavra a mulher da vítima.
- MULHER - Meu marido carregou a bagagem desse senhor no deserto de Jahi. Alguns dias antes da viagem terminar, esse senhor o matou com um tiro de revólver. Peço punição do assassino, embora ele não devolvesse a vida ao meu marido.
- JUIZ - A senhora pede também uma indenização?
- MULHER - Peço. Meu filhinho e eu perdemos aquele que nos alimentava.
- JUIZ - Não a reprevo; estas considerações materiais nada têm de infamante para a senhora. (ao chefe da segunda expedição). A pouca distância da expedição Langman, vinha uma segunda caravana; nela se encontrava o guia despedido. Foram essas as pessoas que localizaram a caravana desgarrada, a menos de uma milha do caminho. Que viram os senhores, quando se aproximaram?
- CHEFE - O Mercador tinha só um pouquinho d'água em seu cantil e o carregador estava caído, morto, na areia.
- JUIZ - O senhor atirou no carregador.
- MERCADOR - Atirei. Ele me atacou de surpresa.
- JUIZ - De que forma ele atacou?
- MERCADOR - Tentou me esmagar com uma pedra, pelas costas.
- JUIZ - O senhor pode nos dar uma explicação quanto aos motivos dessa agressão?
- MERCADOR - Não.
- JUIZ - O senhor exigia do seu pessoal mais do que o normal?
- MERCADOR - Não.
- JUIZ - Onde está o guia despedido? Ele fez a primeira parte da viagem com o senhor.
- GUIA - Sou eu.
- JUIZ - Que diz o senhor?
- GUIA - Pelo que sei, o Mercador queria chegar a Ourga o mais depressa possível para comprar uma concessão.
- JUIZ - (ao chefe da segunda...). A expedição que caminha va à frente da sua ia em marcha muito acelerada?
- CHEFE - Não, não muito. Ele tinha sobre nós um dia de vantagem e o conservava.



- JUIZ - Para isso, o senhor deve ter forçado a marcha ?
- MERCADOR - Não forcei nada. Isso era função do guia.
- JUIZ - O acusado não ordenou expressamente ao senhor que acelerasse a marcha do carregador ?
- GUIA - Não acelerei mais do que o normal. Até menos.
- JUIZ - Porque o senhor foi despedido ?
- GUIA - O Mercador achou que eu tratava muito bem o carregador.
- JUIZ - E isso não era permitido ? E esse carregador a quem o senhor estava proibido de dispensar um tratamento amável, lhe parecia uma pessoa subordinada por natureza ?
- GUIA - Ele? Ele suportava tudo. Tinha medo de perder o emprego, segundo me disse. Nem era membro de sindicato algum.
- JUIZ - Então havia o que suportar? Responda logo; é inútil pensar muito antes de falar. A verdade aparecerá de qualquer maneira.
- GUIA - Eu só acompanhei a expedição até a estação de Han.
- HOTELEIRO - Boa resposta.
- JUIZ - E depois houve algum acontecimento que possa explicar a agressão do carregador ?
- MERCADOR - Não. Não que eu saiba.
- JUIZ - Olhe, não se faça melhor do que é. Não é assim que você poderá sair dessa, meu filho. Se você tratou realmente o carregador com tanta gentileza, como explicar a raiva dele ? É melhor procurar tornar esse ódio explicável; assim, parecerá verossímil que você tenha agido em legítima defesa. É necessário pensar sempre naquilo que se diz.
- MERCADOR - Tenho uma confissão a fazer: uma vez, bati nele.
- JUIZ - Ah... E você acha que uma surra só bastava para despertar tamanho ódio na alma do carregador ?
- MERCADOR - Não. Mas quando ele se recusou a atravessar o rio, encostei-lhe um revólver nas costas. E além disso, durante a travessia, ele quebrou o braço. Isso também foi culpa minha.
- JUIZ - (sorrindo). No dizer do carregador ?
- MERCADOR - (sorrindo). ...no dizer do carregador, é claro. Na realidade, até fui eu quem o tirou d'água.
- JUIZ - Quer dizer, portanto, que, depois de despedir o guia, você deu ao carregador todas as razões para odiá-lo. E antes ? (ao guia). Reconheça logo que o carregador odiava o Mercador. O que aliás, é compreensível: um homem exposto a toda espécie de perigos, recebendo um salário ridículo, um homem ferido, arriscando sua vida a todo momento... e por quem ? Para quê ? Por alguém que, a bem dizer, não lhe paga. Como não o odiaria ?
- GUIA - Ele não tinha ódio.



- JUIZ - Escutemos agora o depoimento do hoteleiro da estação de Han. Pode ser que ele nos esclareça a respeito das relações entre o Mercador e seus em pregados. Como é que o Mercador tratava os seus subordinados ?
- HOTELEIRO - Bem.
- JUIZ - Será que é necessário mandar afastar essa gente? O senhor tem receio de dizer a verdade ?
- HOTELEIRO - Não, não. É dispensável.
- JUIZ - Como o senhor quiser.
- HOTELEIRO - Ele até deu um pouco de fumo ao guia. E pagou-lhe integralmente o seu salário; o que não é usual. O carregador também era bem tratado.
- JUIZ - Não é na sua estação que fica o último posto policial do caminho?
- HOTELEIRO - É. Depois, é o deserto de Jahi, onde não vive ninguém.
- PER
- JUIZ + Percebo. A amabilidade do Mercador na estação de Han era mais uma amabilidade circunstancial, uma amabilidade temporária, quase que se pode dizer, tática. Em tempo de guerra, por exemplo, quanto mais perto do front mais os oficiais se mostram amáveis. Tais amabilidades, é claro, não tem absolutamente significação alguma.
- MERCADOR - Durante todo o caminho, ele cantou, enquanto andava. Depois que o ameacei com o revólver, parou de cantar.
- JUIZ - Ai está... ficou aborrecido. O que é compreensível, sem dúvida. Na guerra - insisto no meu exemplo - também é perfeitamente compreensível que a gente humilde diga aos oficiais: "Os senhores fazem a guerra em proveito próprio, mas nós, nós fazemos a guerra em proveito dos senhores. São esses, precisamente, os pensamentos que o carregador poderia ter tido em relação ao Mercador: "O senhor faz o seu negócio para si mesmo, mas eu faço é o seu negócio - e para o senhor."
- MERCADOR - Tenho uma declaração a fazer: quando a nossa expedição se perdeu, reparti com ele o cantil d'água, mas queria beber o segundo cantil sozinho.
- JUIZ - E ele o viu bebendo ?
- MERCADOR - Foi o que pensei, quando vi que ele vinha na minha direção, com uma pedra na mão. Sabia que ele me odiava. Desde que entramos no deserto, não descuidei um momento sequer da minha segurança. Tinha todas as razões para acreditar que ele me atacaria na primeira oportunidade. Se eu não o tivesse matado, ele me mataria.
- MULHER - Tenho uma coisa a dizer. É impossível que o meu marido tenha atacado esse senhor; ele nunca atacou ninguém.



- GUIA - Fique tranqüila. Estou com a prova da inocência dele no bolso,
- JUIZ - Encontrou-se a pedra com a qual o carregador o ameaçou ?
- CHEFE - Este homem tirou-a da mão do morto.
(o guia exhibe o cantil).
- JUIZ - É esta a pedra ? O senhor a reconhece ?
- MERCADOR - Sim, foi essa pedra mesmo.
- GUIA - Vê. Não disse que podia provar a sua inocência ? Fui eu que lhe dei este cantil na estação de Han. O hospedeiro é testemunha. E aqui está ele, o meu cantil...
- HOTELEIRO - Imbecil! Agora também ele está perdido.
- JUIZ - Isso não pode ser verdade. Então ele ofereceu-lhe de beber ?
- MERCADOR - Devia ser uma pedra.
- JUIZ - Não, não era uma pedra, era um cantil. Veja.
- MERCADOR - Como é que podia prever que fosse um cantil ? Esse homem não tinha nenhum motivo para me dar de beber. Eu não era seu amigo.
- GUIA - Mas quis de fato oferecer-lhe água.
- JUIZ - E por que é que ele havia de lhe oferecer água ? Porque ?
- GUIA - Provavelmente por haver pensado que o mercador tinha sede. Sem dúvida por bondade. Talvez por estupidez, por de uma coisa estou certo: ele não tinha nada contra o Mercador.
- MERCADOR - Então é porque ele era extraordinariamente estúpido. Pois se quebrou um braço por minha causa, se ficou inutilizado para toda a vida... Claro que se ele me fizesse a mesma coisa seria inteiramente justo.
- GUIA - Inteiramente justo.
- MERCADOR - Em troca de um salário miserável, ele marchava ao meu lado, eu que tenho muito dinheiro. E, no entanto, a viagem era igualmente dura para nós dois. Quando estava cansado, levava pancada...
- GUIA - E isso o senhor também sabe que é injusto.
- MERCADOR - Admitir que o carregador não estava à espera da primeira oportunidade para me atacar, é o mesmo que admitir que ele tinha perdido o juízo.
- JUIZ - Portanto, o réu reconhece, com razão, que o carregador devia odiá-lo. É isso, não é ? Não há dúvida que, matando-o, o senhor matou um inocente; mas unicamente porque não podia adivinhar que ele era inofensivo. Sim, sim, é uma coisa que acontece de vez em quando na polícia. às vezes, os policiais atiram contra uma multidão de manifestantes que são pessoas absolutamente pacíficas... Por que atiram ? Simplesmente porque não podem compreender por que essas pessoas ainda não os tiraram dos seus cavalos e ainda não os lincharam. Atiram porque têm medo, esta é a verdade. E o fato de terem medo é a prova do seu bom senso. O senhor não poderia saber, portanto, que o carregador era uma exceção.

